

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Os judeus da Leopoldina

Márcio André Sukman

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SUKMAN, MA. Os judeus da Leopoldina. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 150-159. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Os judeus da Leopoldina

Márcio André Sukman¹

Introdução

O Museu Judaico do Rio de Janeiro, criado em 1977, é o centro de registro da presença judaica no Rio de Janeiro. Seu acervo, formado por uma diversa biblioteca, objetos, peças religiosas e fotos, representa a vida dos judeus cariocas e brasileiros. Trata-se de um tesouro à disposição das pessoas, porventura interessadas, mas sobretudo é uma herança a ser deixada às próximas gerações. Voltado para esse escopo, o Museu, seção estadual Rio de Janeiro, do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, iniciou, a partir do final do ano de 2000, o projeto “Memória”. Seu objetivo maior é recuperar a história e a memória da origem e do desenvolvimento das diversas comunidades judaicas instaladas no estado do Rio de Janeiro.

O projeto é conduzido pelo grupo de historiadores e antropólogos Fábio Koifman, Diego Terry, Marcelo Gruman, Michel Gherman, Monique Sochachevsky, William Martins e Márcio Sukman, cujos trabalhos são realizados de forma voluntária. A coordenação é realizada pelo Sr. Max Nahamias, presidente do Museu Judaico do Rio de Janeiro e pelo professor Geraldo Beauclair – titular do curso de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense. Essa prestigiada instituição acadêmica é conveniada, desde 2000, ao Museu, com o fim de realizar inúmeras atividades.

A primeira pesquisa, “A Comunidade Judaica dos Subúrbios da Leopoldina”, já iniciada, tem por objeto o resgate do cotidiano dos imigrantes judeus oriundos, principalmente, do leste europeu, que se dirigiram para os bairros da Zona da Leopoldina². Sua chegada remonta às primeiras décadas do século XX³ e alcançou o auge de seu desenvolvimento

por volta dos anos 40-50, quando lá funcionavam várias instituições⁴. Apesar do esvaziamento, com a migração para outros bairros ainda hoje, lá residem por volta de uma dezena de famílias.

A atividade comunitária, atualmente, está limitada aos serviços religiosos organizados na sinagoga – Beit Haknesset Ahavat Israel – frequentada por judeus residentes na localidade, antigos moradores e, curiosamente, por pessoas que nunca habitaram o bairro. Sua preservação é realizada, sobretudo, por uma família, que lá reside e, portanto, garante a sua manutenção, como a constituição dos minianim.

O ambiente nessa congregação remonta a anos anteriores. Os jornais, revistas e periódicos comunitários mais recentes, os quais estão em cima das mesas da sinagoga, são datados do início dos anos 90. Nas cadeiras e bancos, velhos senhores falam das recordações durante o animado kidusch realizado após a reza. A última cerimônia de casamento realizada nessa sinagoga de Olaria, de um casal residente em Copacabana, ocorreu no ano de 1991. A crescente favelização da área e o aumento da violência nos últimos anos têm dificultado e, por vezes, inviabilizado o acesso dos frequentadores à sinagoga. Foi justamente essa realidade que nos causou grande surpresa e atçou nossa curiosidade de investigadores – um centro de memória viva, reflexo de um trabalho de resistência cultural, que precisava ganhar o conhecimento comunitário e institucional.

Nosso trabalho de pesquisa está centrado, primordialmente, na metodologia da história oral, com entrevista de imigrantes e seus filhos, moradores e ex-moradores, a partir do conceito de trajetória de vida⁵. Nesse modelo, o entrevistado é estimulado a falar sobre toda sua vida – comunitária, religiosa, profissional, familiar – desde o nascimento na Europa ou no próprio bairro – até os dias atuais. É sempre importante lembrar não constituir a história oral aquela “outra história”, considerada imparcial por trabalhar diretamente com o objeto de pesquisa. Trata-se de uma seleção de suas recordações, que o entrevistado faz de sua vida, tendo algum fatos privilegiados em detrimento de outros. Junto à realização de

¹ Bacharel em Direito / UERJ

² Segundo definições urbanísticas essa região se estenderia do bairro de São Cristóvão até o limite com o município de Duque de Caxias.

³ (Depoimento de Avrom Resnik- setembro de 2000)

⁴ A comunidade chega a contar com duas sinagogas, movimentos juvenis e um centro comunitário, que contava com colégio, grêmio e uma biblioteca.

⁵ Utilizaremos para esse fim a noção de trajetórias de vida proposta por Franco Ferraroti que trabalha com a ideia de biografias coletivas para entender um determinado momento histórico na compreensão de seus agentes.

entrevistas, é realizada a coleta de material iconográfico e documental, adquirido tanto dos entrevistados como das instituições comunitárias, com destaque para o periódico “O Espelho” produzido pelo grêmio local, por volta de meados do século e nos documentos e periódicos do Centro Israelita da Leopoldina.

Enfim, além da análise documental, outro de nossos objetivos é a formação de um banco de dados e um acervo de depoimentos – gravados em fita cassete, vídeo cassete e transcritos –, que estarão disponíveis para consulta e pesquisa aos interessados. Está prevista, ainda, a publicação de um livro tratando dos resultados das pesquisas efetuadas e, posteriormente, um documentário sobre a trajetória da comunidade

Contexto histórico

A comunidade judaica dos subúrbios da Leopoldina é composta, em sua maioria, por judeus ashkenazitas, oriundos do Leste Europeu e, em reduzido número, de imigrantes de origem sefaradita, que habitavam a região do norte da África e Oriente Médio. Por isso, antes de entrarmos nas análises em solo brasileiro, torna-se necessário recompor, rapidamente, o processo imigratório da Europa para as “Américas”.

Desde o século XIX, as populações judaicas na Europa Oriental já sofriam uma gradual deterioração de suas condições de vida. Transformações de ordem estrutural, social e política, como a proletarianização maciça dos trabalhadores, as políticas restritivas governamentais às comunidades e o forte antissemitismo, em países como Rússia, Polônia e Romênia, obrigavam aos judeus a buscarem melhores condições de vida em outras terras. Isso foi possibilitado inicialmente pela JCA (Jewish Colonization Association), instituição internacional, cuja finalidade era possibilitar aos judeus recomeçarem uma nova vida, num “Novo Mundo”.

O Brasil, especialmente, se transformou numa boa opção, a partir dos anos 20, quando os Estados Unidos da América, Canadá e Argentina passaram a recusar o recebimento de novas levas de judeus europeus. De início, os imigrantes se dirigiram para as colônias agrícolas situadas no sul do país mas, em razão da falta de estrutura e de preparo técnico, se deslocaram para os grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro. No ambiente urbano, a leva imigratória tomou vigor, a partir da relevante

atitude dos primeiros judeus, criadores de um eficiente mecanismo de acolhimento dos parentes, conterrâneos e, até, esposas prometidas. O crescimento acelerado da população judaico-carioca, na década de 20, de 10 para 30 mil habitantes⁶, é seu maior retrato.

O Rio de Janeiro, desde de 1870, sofria uma grande expansão da sua malha urbana, com a população se deslocando para habitar novas áreas, ou pequenos núcleos já existentes, tanto na zona sul, quanto na zona norte. Especificamente nesta última área, o trem possibilitou uma eficiente ligação com o centro da cidade, promovendo um rápido crescimento dos bairros, do qual podem ser destacados Olaria, Ramos, Bonsucesso e Penha. Oferecendo áreas e aluguéis mais baratos que os das zonas Sul e Central, tornaram-se um destino convidativo para os imigrantes judeus ou recém-chegados, cujos recursos financeiros eram bastante limitados.

A região da Leopoldina

O ato de emigrar foi visto como uma ameaça aos judeus, especialmente para aqueles oriundos da Europa Oriental. Significava o afastamento do judaísmo praticado em países como Polônia e Rússia, onde, na maioria das vezes, ficavam segregados da sociedade maior, em pequenas vilarejos. Por isso, quando chegavam ao novo país, buscavam ao máximo transplantar e reproduzir a forma de vida da terra natal. A instalação de instituições, sejam sinagogas, escolas, organizações assistenciais, sejam estabelecimentos comerciais, como açougues e armazéns, garantiam uma sociabilidade própria e uma interdependência forte dos membros da coletividade. A construção desse espaço cultural, social e étnico se insere, portanto, dentro de uma estratégia de delimitação das fronteiras de seu grupo, permanecendo a estrutura social na qual viviam no velho mundo, até uma melhor compreensão dos códigos da sociedade maior.

Samuel Malamud, um dos maiores memorialistas da comunidade judaica carioca, dizia que as instituições judaicas “*lembravam as organizações idênticas da Europa Oriental, de cunho religioso e orientação demasiadamente rígida*”⁷ Malamud também afirmava que a Praça Onze, principal bairro dos judeus no Rio de Janeiro, “*dava impressão de um*

⁶ (Lesser, 29.1995)

⁷ (Malamud, 46 1988)

enorme gueto, sem muralhas ou restrições”⁸. Na zona da Leopoldina, as primeiras análises efetuadas, nos levam a crer, ter essa estrutura comunitária se consolidado a partir da década de 30.

No entanto, a comunidade da Leopoldina não pode ser representada apenas como uma fiel reprodução do “shtetl” da Europa Oriental. As demandas das novas gerações, já nascidas em solo brasileiro, diversas daquelas dos imigrantes, obrigavam a realização de mudanças. Era necessária a criação e a transformação das instituições comunitárias, como a escola, o grêmio e o movimento juvenil, para essa nova realidade..

A escola primária “Mendele Mocher Sforim” situava-se no prédio Centro Israelita da Leopoldina. Sua grade curricular, composta pelas matérias obrigatórias junto com as judaicas, demonstrava a preocupação dos imigrantes em possibilitar uma educação voltada tanto para a manutenção das tradições, como para o engrandecimento pessoal enquanto cidadão. Sua existência, entretanto, seguiu uma trajetória bastante inconstante. Devido às brigas internas e à falta de uma infraestrutura econômica mais estável, segundo informam os primeiros depoimentos, teve seu funcionamento diversas vezes interrompido. O projeto de estabelecimento de um curso ginásial não chegou a se consolidar, o que obrigava os jovens, e por consequência toda a família, a se dirigirem a outros bairros, como a Tijuca, onde funcionava o Colégio Hebreu Brasileiro.

O Grêmio Stefan Zweig, fundado em 1942, localizado também num dos salões do Centro, era o ponto de reunião da juventude leopoldinense, principalmente de Olaria e Ramos. Sua finalidade encerrava-se no desenvolvimento de atividades de aproximação dos jovens judeus de diferentes bairros da Zona da Leopoldina, evitando, assim, a assimilação ao meio não judaico. Dessa forma, ao contrário dos movimentos juvenis, o Grêmio não defendia a imediata emigração (aliáh), mas o fortalecimento da juventude judaica leopoldinense. O artigo assinado por Samuel Wainer, para a edição do periódico “O Espelho”, é bastante elucidativo acerca da importância destinada ao grêmio recreativo para a continuidade da vida comunitária:

Com essas agremiações fortes e bem organizadas, não haverá motivo para temer a assimilação. Essas associações se preocupam em manter os jovens unidos, evitando a dispersão daqueles que por razões as

mais diversas, não conseguem ir para Eretz (leia-se Israel). Essas agremiações desempenham o ponto de união de todos os jovens judeus independente de cor política partidária.

O periódico “O Espelho”, produzido pelo grêmio, trazia toda a agenda social a ser realizada no mês, com uma programação que alcançava tanto os dias úteis, quanto o fim de semana. As atividades eram diversas, como sessões cinematográficas, noites dançantes, torneios de xadrez e tênis de mesa, palestras com temas gerais ou especificamente judaicos e jogos do tipo pergunta e resposta. Nos meses de verão era montada uma barraquinha na Praia de Ramos, o que evitava a dispersão durante o período de férias escolares.

Um trecho do editorial do periódico “O Espelho”, de fevereiro de 1951, assinado pela Diretoria gremista, ressalta, de forma ainda mais clara, seu papel preponderante de combate à assimilação:

Valeu, porém esse esforço, porque vemos atualmente o grêmio concorrido como nunca fora antes, os sócios unidos e irmanados. O Grêmio tornou-se o ponto de reunião obrigatório da juventude. Valeu nosso esforço porque evitamos que muitos filhos e filhas se dispersassem para outras paragens. Porque sabemos que aqui eles estão melhor que em qualquer outro lugar ignorado

A preocupação comunitária também se dirigia à manutenção da cultura judaica, com a existência da biblioteca que levava o nome do autor Simon Dubnow. Ela oferecia aos seus frequentadores livros editados em português, divulgando a literatura brasileira e parte da literatura iídiche já traduzida para a língua nacional. Possuía também vários clássicos em iídiche, ainda por serem traduzidos, como os de I. L. Peretz., cujo conto “Bontzie, o taciturno” foi publicado na edição de dezembro de 1950 de “O Espelho” e encenado por membros do grêmio.

Contudo, mais significativo que essa efervescência cultural, era o intercâmbio realizado entre os jovens dos diferentes bairros. Era comum as visitas entre os grêmios Chaim Weisman do Méier, I L Peretz de Madureira, o clube Cabiras da Cinelândia, o Macabeus da Tijuca e o Stefan Zweig. Passeios para as cidades próximas, como Petrópolis, Teresópolis e até a Ilha de Paquetá também eram realizados. Justamente dessas atividades, semelhantes ao “shidur” – espécie de namoro e casamento típico dos “shtetls” da Europa Oriental – saíram a maioria dos casamentos dos

⁸ (Malamud, 46. 1988)

jovens da Leopoldina. Raros eram os casos, segundo os depoimentos, de união entre judeus do bairro de Olaria.

Se a manutenção de casamentos endogâmicos recebia uma atenção especial, ao que parece, a prática religiosa não tinha um papel preponderante no universo comunitário.

Como sugere um dos primeiros depoimentos, grande parte das pessoas não respeitava a tradição alimentar kasher, como também, nem sempre era fácil reunir 10 homens para rezar:

É! Eu era garoto, devia ter uns 14, 15 anos, ficava sentado na varanda da minha casa e aí eu via sair um velho disparado da sinagoga e ir no prédio em frente catar judeu. Eu via que ia sobrar para mim e eu fugia (...)

A sinagoga, montada provisoriamente no salão do prédio do Centro, era o fiel retrato desse desinteresse. Seu funcionamento era irregular, com exceção dos dias de shabat e, sobretudo, nos grandes feriados religiosos, quando se tentava, com muita dificuldade contratar um chazan. Nas festas de Rosh Hashaná (Ano Novo Judaico) e o Yom Kipur (Dia do Perdão), em razão da maior assistência, era alugado um salão, situado na Rua Uranos junto à Rua Antônio Rego. Para lá se dirigia a maioria dos judeus residentes, cuja origem remontava à Polônia, permanecendo os “russos” no salão do Centro. Mesmo quando a sinagoga foi estabelecida, em sua sede própria, funcionando até hoje na rua Juvenal Galeno, nunca chegou a ter o culto conduzido por um rabino. Não só a falta de apego à religião, como, provavelmente, as dificuldades financeiras, não possibilitaram sua contratação.

Também, as relações entre as várias identidades judaicas da região da Leopoldina se estabeleceram de uma forma peculiar, diversa da região do centro da cidade. Neste último bairro, askhenazitas e sefaraditas construíram seu próprio espaço religioso e cultural – o primeiro grupo na Praça Onze e o segundo na região do Saara – com instituições comunitárias separadas e um limitado contato intercomunitário. Olaria, habitada por imigrantes da Europa Oriental, em sua grande maioria, era fundamentalmente um ambiente askhenazita. Os pouco sefaraditas, lá residentes, em razão de seu reduzido número, não puderam construir o próprio espaço. Em seu lugar, procuraram, ao que parece, a inserção nesse judaísmo europeu, reproduzindo essa identidade como se fosse própria.

Em nossa pesquisa, pinçamos dois exemplos de filhos de imigrantes sefaraditas, frequentadores da zona de Olaria, os quais negaram existir qualquer problema de relacionamento com os askhenazitas. “*Meus amigos eram askhenazim*”, justifica um deles. Um outro bom exemplo da boa relação entre os integrantes desses grupos, está no depoimento de um ex-morador do bairro, filho de poloneses e que fala iídiche fluentemente:

Quando eu vim para o Hebreu Brasileiro encontrei um colega sefaradi que falou assim:

Quando perguntarem se você é askhenazi ou sefaradi, você diz que é sefaradi.

Mas porque?

Porque você vai jogar bola nas aulas de iídiche!

Então eu fui sefaradi por quatro anos.

Quanto ao aspecto profissional, os primeiros depoimentos confirmam terem os imigrantes judeus procurado atividade de “clientelchik”, ou seja, vendedores “de porta em porta”. Em geral, por não possuírem recursos, pegavam mercadorias em consignação com outros judeus e se dirigiam a bairros mais afastados ou cidades vizinhas, para vendê-los. A partir de um certo acúmulo de capital, oriundo dessa atividade, montavam um estabelecimento comercial ou industrial. Foi justamente esse enriquecimento que possibilitou à comunidade se estruturar e consolidar suas instituições, como a fundação da sinagoga de Olaria, em sede própria, na Rua Juvenal Galeno.

De outro lado, nos interrogamos se o enriquecimento também não teria contribuído para sua dispersão. Novas necessidades e demandas por melhores escolas, postos de trabalho, atividades comerciais mais lucrativas, podem ter levado grande parte das famílias a procurar novos bairros. Será com a continuação das entrevistas com os antigos moradores, ávidos por externar suas memórias, que poderemos saber se nossa hipótese é plausível. É com base nesse mapa do tesouro, que o Museu Judaico quer revelar e preservar as grandes riquezas de nossa comunidade.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. IPLANRIO: Rio de Janeiro. 1997.

- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informática: Rio de Janeiro. 1992.
- BERNADES, Lysia M.C, SOARES, Maria Therezinha de S. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. Secret. Mun. de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração: Rio de Janeiro. 1995.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 1999.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Itatiaia: 3. ed. Belo Horizonte; Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo. 1998.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Conquista: Rio de Janeiro. 1957.
- FELLER, Aiala; WORKMAN, Karen (coords). *Heranças e Lembranças – Imigrantes Judeus no Rio de Janeiro*. ARI/MIS: Rio de Janeiro. 1991.
- FERRAROTI, Franco. *Histoire et Histoires de Vie – La Méthode Biographique Dans Les Sociales*. Librairie de Méridiens: Paris. 1983.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio: e da sua liderança na história política do Brasil*. Lacerda Ed.: 5.0 ed. Rio de Janeiro. 2000.
- GRIN' Monica. Etnicidade e Cultura Política no Brasil – O Caso de Imigrantes Judeus do Leste Europeu. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n.28.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade: os cantos e os antros* (Campinas 1850-1900). Edusp: São Paulo. 2000.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica*. Imago: Rio de Janeiro. 1995.
- _____. *Negociando a Identidade Nacional*. UNESP: São Paulo.

- LINHARES, *Rodovia Presidente Dutra: modernização e transformação para a cidade de Nova Iguaçu*. Monografia em História apresentada ao departamento da UERJ: Rio de Janeiro. 1998.
- LOZINSKY, Saadio. *Memórias da Imigração: Reminiscências e Reflexões*. Hai: Rio de Janeiro. 1997.
- MALAMUD, Samuel. *Recordando a Praça Onze*. Kosmos: Rio de Janeiro. 1988.
- PECHMAN Robert. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentada a Pós-graduação do IPPUR. UFRJ: Rio de Janeiro. 1985.
- SANTOS, Noronha. *As freguesias do Rio de Janeiro*. Edições O Cruzeiro: Rio de Janeiro. 1965.
- SORJ, Bila (Org.) *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Imago: Rio de Janeiro. 1997.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1992.
- VAZ, Lilan Fessler. *Uma história da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro: Estudo da Modernidade através da moradia*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo / Faculdade de arquitetura e urbanismo: São Paulo. 1994.

Periódicos

- “O Espelho”
- “Periódico do Centro Israelita da Leopoldina” Entrevistas
- Sr. Avram Reznik, 09/2000
- Sr. Oushia Sanchovchi, 10/2000
- Sr. Manoel Exelrud, 12/2001 Sra. Manieta Exelrud, 12/2001 Sra. Helena Honiger, 12/2001 Sr. Max Paskin, 01/2002
- Sra. Rebeca Zukin, 01/2002